



A CIDADE E A MEMÓRIA JOÃO ROCHA /Mestre Arquitecto / Universidade Lusíada de Lisboa

A cidade contemporânea está em crise, até aqui nada de novo, o uso deste termo foi-se transformando pelo simples facto do seu continuado uso e abuso, que provocou um consequente desgaste do significado do termo, tendo consequências curiosas. Uma é a banalização da palavra, a outra é a desculpabilização do acto. De repente chegou ao processo de desenhar e pensar cidade uma atitude muitas vezes também presente na sociedade em geral, em que a culpa “é sempre dos outros”, ou ainda melhor, “do sistema”. Esta questão ressurgue complementarmente à reedição de uns quantos textos de cidade do arquitecto Rem Koolhaas¹, que revisitei passados, alguns deles, anos que veio recentrar a questão nessa atitude, consciente, mas também desculpabilizante que os diversos agentes têm sobre a cidade, não só enquanto actores mas também construtores de cidade. E aqui os arquitectos não se podem demitir quer da sua responsabilidade, ou ainda assumindo uma fatalidade do sistema, legitimarem todo um processo de intervenção na cidade, precisamente sobre os mesmos processos, ou efeitos, que noutras sedes criticam. Não estou especificamente a pensar no arquitecto Rem Koolhaas, nem tão pouco a querer diminuir a sua relevância na história contemporânea da arquitectura assim como da cidade, embora também se lhe possa dirigir pelo menos em parte esta leitura. Pois estes escritos, para além de constituírem um processo de reflexão sobre a arquitectura e a cidade, foram também marcos na sua obra pois enquadram um processo auto-reflexo, que por um lado caracteriza um olhar crítico sobre a cidade e a arquitectura e simultaneamente como marcos da sua produção prática. Desde a sua leitura sobre a identidade urbana contemporânea, expressa na cidade genérica², ou o problema da escala dos objectos e da imposição destes na paisagem urbana por si e em si³, ou

¹ Republicação da Editorial Gustavo Gili (2010) de três textos emblemáticos da obra do arquitecto Rem Koolhaas, “Rem Koolhaas – três textos sobre a cidade”.

² Idem, “The Generic City”, 1994.

³ Ibidem, “Bigness, or the problem of the large”, 1994.

ainda a diluição da identidade dos espaços e dos objectos pela sua banalização e mera aspiração a uma dimensão mediática⁴ é caricato funcionar numa dupla face de crítica, mas também, paralelamente numa legitimação. Onde precisamente as questões da identidade da memória (não exclusivamente da história), de perceber cidade através de estruturas urbanas reconhecíveis *versus* aglomeração de objectos, surge no processo de ler e fazer cidade.

“Acredito que não vivemos apenas no presente; vivemos também no passado. O que o meu pai foi, o que os meus amigos fizeram, tudo contribuiu para dar um sentido a minha presença ou a sua. Tudo coexiste numa relação infinita de causa e efeito. Nesse sentido, o presente contém sempre o passado”

Seiji Ozawa, maestro⁵

Na arquitectura podemos dizer que se passa exactamente o mesmo fenómeno, talvez ainda com mais intensidade, quanto mais não seja pela dimensão temporal que acarreta. A música, a dança, e outras artes performativas, lidam com o efémero, com o instante que vive à volta do acontecimento, nestas o espectador (...) “Senta-se, a música começa e o pano ergue-se.”, não sendo possíveis as repetições, apenas recordações. A arquitectura enquanto fruto de cultura e sociedade é fruto dos tempos, de acumular de experiências e processos que levam a duas inevitáveis consequências.

A primeira, como refere o arquitecto Gonçalo Byrne⁶, é a da contemporaneidade, e da quase inevitabilidade desta se reportar ao seu tempo e seu espaço. Por outro, mesmo quando a intervenção arquitectónica assume uma articulação pela diferença, ou ainda mais intensa, pela negação extrema de uma linguagem (como pretensamente assumido pelo “grau zero” das vanguardas) está sempre assente num acto de cultura. Para o negar há que o conhecer, quanto mais não seja para negar os seus sinais.

A arquitectura incide na construção de espaços, definidores e definidos pelas formas que usamos. Este uso e manipulação remete para uma origem formal, mas também para uma anterioridade, chamemos-lhe história, forma, lugar, que surge como parte de um texto que a cada momento reinterpretemos. Eis uma das razões que implicam que a arquitectura, o pensar e fazer cidade, é em

⁴ Id. ibidem, “Junkspace”, 2001.

⁵ In “Revista” Expresso / 15 de Janeiro de 2000, (p. 57).

⁶ “A arquitectura foi, é, e será sempre contemporânea; está por definição, condenada a ser sempre contemporânea,” in JA, nº216, p.17, entrevista a Gonçalo Byrne; “Os cavalos também se abatem”.

te verdadeiras. Olhar é reconhecer e interpretar, num conceito lançado por Deleuze, “Brain City”, os nossos processos cognitivos estruturam-se já não na leitura sequencial de imagens (ou de tempos da história), mas surgem soltas, confrontando-nos com as múltiplas maneiras de as combinar e articular, actualizando-as.

“In order to get [...] to a place, you have to [...] blow it apart [...] you have to look inside it and find the seeds of the new.”

Tadao Ando

A arquitectura e a cidade contêm em si a matéria da sua reinvenção, e como refere Lebbeus Woods⁸, a arquitectura também se mensura pela qualidade dos problemas que gera, mais do que pelos problemas que resolve, pois também não é por si redentora de uma urbanidade, física mas também social e cultural, na qual se materializa.

Como pensar então a cidade contemporânea? Perante um território que está numa evidente crise de crescimento, operamos sobre um território carente muitas vezes de uma estratégia agregadora que contrarie a fragmentação (*urban sprawl*), a diluição dos limites (rurbano) ou ainda a perda tantas vezes de identidade (não lugares). Como refere Woods cada vez mais todas as cidades são vizinhança de outra cidade. O que é bom ou mau para uma, é bom ou mau para todas⁹.

Que estratégias então se nos colocam para (re)desenhar a cidade? Confrontando-nos com a actualidade do termo da sustentabilidade, será esta apenas uma perspectiva ecológica, de propor novas lógicas para ideias de cidade novas sobre sistemas mais ou menos “amigos do ambiente”? Ou ao invés, deverá ela também antes de mais propor diferentes modos de pensar e fazer a cidade que existe?

Será que parte da solução estará na mudança dos processos, dos hábitos instituídos culturalmente? Ou será que a necessidade não reside na *revolução do «“Novo Homem”, mas numa nova concepção de espaço para a pessoa que já existe»?*¹⁰.

⁸ In “Statements from a Manifesto”, New York 1995.

⁹ Idem, no original: “All cities are neighbourhoods of one city. What is good or bad for one is good or bad for all”.

¹⁰ Ibidem, «What is needed is not the revolution’s “New Man”, but a new conception of space for the person who already exists.», excerto de “Statements from a Manifesto”.